

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E SUAS RELAÇÕES COM AS PRÁTICAS DE LEITURA

Lucimara Artussa¹, Maria Iolanda Monteiro²

<https://doi.org/10.5216/rpp.v15i2.43209>

Resumo: Neste trabalho assume-se a concepção de que o contato com a literatura infantil por meio da arte de contar histórias pode levar a criança, conforme Maciel (2008), ao encantamento próprio às experiências artísticas, a chamada fruição estética, o que pode despertar na criança o interesse pela leitura por prazer. O objetivo geral é identificar nas produções acadêmicas as possíveis relações entre a arte de contar histórias e as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para fundamentar essa reflexão, foi realizada a revisão bibliográfica das temáticas: arte de contar histórias, práticas de leitura e formação de professores. A pesquisa também tem o aporte dos dados obtidos a partir do levantamento realizado em bancos *on-line* de teses e dissertações dos programas de Pós-Graduação em Educação de três instituições de ensino superior do Estado de São Paulo. Sobre os dados encontrados nas produções acadêmicas analisadas, foi possível identificar um movimento a favor da literatura dentro da sala de aula voltada para a fruição da leitura e a ênfase para que a oralidade não seja deixada de lado. Contudo, ao proporem práticas para utilizar o recurso da oralidade, os trabalhos mencionam a leitura em voz alta feita pelo professor, o que não deixa de ser uma atividade importante para a criança no processo de alfabetização e letramento. Mas é preciso destacar que não é apenas a leitura em voz alta que contempla a oralidade. A arte de contar histórias tem na palavra proferida oralmente seu instrumento principal para encantar.

Palavras-chave: arte de contar histórias; práticas de leitura; formação de professores; anos Iniciais do ensino fundamental.

¹ Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, e-mail: luartussa@gmail.com

² Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Educação, e-mail: mimonteiro@ufscar.br

THE ART OF STORYTELLING AND ITS RELATIONS WITH READING PRACTICES

Lucimara Artussa, Maria Iolanda Monteiro

Abstract: This paper assumes the conception that the contact with children's literature through the art of storytelling can lead the child, according to Maciel (2008), into the enchantment with artistic experiences, named as aesthetic fruition which can help wake in the child the interest in reading for pleasure. The general purpose of this study is to identify in academic production the possible relations between the art of telling stories and the reading practices of children in the early grades of elementary school. To base this reflection, a literature review was made on the subsequent themes: the art of storytelling, reading practices and teacher's education. The research also used a data survey from thesis and dissertations online database from postgraduate Education programs of three higher education institutions of the state of São Paulo. The data researched from the academic papers showed a favorable position to literature in the classroom aiming reading fruition and emphasis on the importance of orality. When the papers propose practices to utilize orality, they mention the act of teachers reading stories aloud, which continues to be an important activity to the process of children's literacy development. However, it needs to be underlined that just reading aloud is not the complete range of orality. The art of storytelling has in the spoken word it's best instrument to delight.

Keywords: art of storytelling; reading practices; teacher's education; early grades of elementary school

EL ARTE DE CONTAR CUENTOS Y SUS RELACIONES CON LAS PRATICAS DE LECTURA

Lucimara Artussa, Maria Iolanda Monteiro

Resumen: En este trabajo se utiliza la concepción de que el contacto con la literatura infantil a través del arte de contar cuentos puede llevar a los niños, conforme Maciel (2008), a un encantamiento propio de las experiencias artísticas, una fruición estético]a, que puede despertarles el interés por la lectura por placer. El objetivo general es identificar en las producciones académicas las posibles relaciones entre el arte de contar cuentos y las prácticas de lectura para niños en los años iniciales de la Enseñanza Primaria. Para fundamentar esta reflexión, fue realizada una revisión bibliográfica de las temáticas del arte de contar cuentos, de prácticas de lectura y de formación de profesores. La investigación también utiliza datos obtenidos a partir de levantamiento realizado en banco online de tesis y disertaciones de programa de posgrado en educación de tres instituciones de enseñanza superior del estado de São Paulo. Sobre los datos encontrados en estas producciones académicas fue posible identificar un movimiento en favor de la literatura para estimular el placer de la lectura en clases y para que la énfasis en la oralidad no sea puesta en segundo plano. Pero, al proponer prácticas para utilizar el recurso de la oralidad, los trabajos mencionan la lectura en voz alta por el profesor, lo que no deja de ser una importante actividad para el proceso de alfabetización y letramento. Es necesario destacar que no apenas la lectura en voz alta contempla la oralidad. El arte de contar cuentos tiene en la palabra proferida oralmente su instrumento principal para encantar.

Palabras clave: Arte de contar cuentos. Prácticas de lectura. Formación de profesores. Años Iniciales de la educación primaria.

Introdução

Este artigo apresentará reflexões sobre as contribuições da arte de contar histórias para as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, problema de pesquisa que orientou o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (ARTUSSA, 2015), apresentado no mês de dezembro do ano de 2015.

Neste trabalho, assume-se a concepção de que o contato com a literatura infantil, por meio da arte de contar histórias, pode levar a criança, conforme Maciel (2008), ao encantamento próprio às experiências artísticas, a chamada fruição estética, em que se usufrui dessa vivência com todos os sentidos, despertando o prazer por essa atividade. O que fará com que o aluno encontre sentido em se apropriar das práticas de leitura.

Como afirma Maciel (2008), mais do que ter o contato com produções literárias do passado, é preciso que o aluno saiba se localizar em um universo letrado, cujos fluxos de informações são cada vez mais acessíveis e velozes. O contato do aluno dentro da escola com diferentes gêneros textuais proporciona que ele se localize culturalmente, contribuindo para a formação de um leitor crítico e com habilidades para articular o mundo da escrita com seu eu e com a comunidade.

Para nortear essa problematização, o texto apresenta primeiramente os aportes teóricos que orientaram as reflexões sobre literatura infantil, arte de contar histórias e práticas de leitura. Demonstrando um levantamento bibliográfico de alguns procedimentos práticos para as professoras e os professores que desejam adotar a prática de contar histórias em sala de aula. Em seguida, o leitor terá conhecimento da metodologia empregada para a obtenção de dados que permitiram maior fundamento nas reflexões que serão apresentadas ao final do artigo.

A arte de contar histórias e o incentivo da leitura do gênero literatura infantil

De acordo com Zilberman (2003), a escola e a literatura compartilham um objetivo em comum, o de formar o indivíduo. A obra de ficção sintetiza uma realidade, estabelecendo pontos com o cotidiano do leitor. Por mais que a literatura seja carregada de fantasia, ou esteja localizada em tempos e espaços distintos, ela ainda se comunica com seu destinatário atual, pois fala de seu mundo, apresentando dificuldades e soluções, que permitem a este leitor, conhecê-lo melhor. A escola, por sua vez, demonstra sua finalidade sintetizadora ao procurar estabelecer conexões entre as áreas do conhecimento e a vida. Contudo, dentro da escola pode-

se atenuar ou interromper os vínculos com a vida social, enclausurando a criança em um meio no qual ela não exerce nenhum poder.

O texto literário, para Zilberman (2003), tem sido introduzido nas escolas sob um olhar estritamente didático, o que ela denomina sujeição da arte ao ensino. Em conformidade com a concepção de Zilberman (2003), Maciel (2008) aponta para a preocupação da escola em ajustar os textos literários ao processo de escolarização, e de não promover uma experiência estética para a criança. A autora afirma ainda que é preciso superar a crença de que os livros de literatura infantil têm a única função de melhorar a escrita e a leitura.

A autora Zilberman (2003) propõe a inversão desse modelo de sujeição da arte ao ensino, pela submissão da didática às possibilidades cognitivas que o texto literário oferece. É preciso que a escola aproveite mais as potencialidades que essas obras literárias disponibilizam para a inserção do aluno na sociedade e sua participação ativa. Contudo, a decisão pela mudança de paradigma compreende desde a valorização da literatura, até a relevância dada ao procedimento da leitura.

Na concepção de Zilberman (2003), a seleção do texto literário deve ser guiada pelo princípio da qualidade estética.

[...] Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores; e não é porque estes ainda não alcançaram o *status* de adultos que merecem uma produção literária menor. (ZILBERMAN, 2003, p.26).

Zilberman (2003) destaca que nesse processo de intercâmbio cognitivo entre o texto e o leitor implica a ação de ler, que vai além da compreensão de uma mensagem, mas é antes uma convivência com o mundo criado pelo imaginário. A obra de arte literária não se reduz a um conteúdo concreto, depende da assimilação individual da realidade que recria. Assim, precisa ser compreendida em sua totalidade, para que seja de fato lida.

Ainda segundo a autora, na medida em que a criança se apropria dos códigos que permitem compreender a mecânica da leitura, é tarefa do professor também ajudá-la a desenvolver habilidades que lhe permitam perceber e compreender os temas que se apresentam em meio à trama ficcional.

Corroborando com a discussão apresentada até o presente momento, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCN (BRASIL, 2000) destacam a importância de que a criança valorize a leitura como fonte de fruição estética e entretenimento, assim como a necessidade de que o professor trabalhe diversos gêneros textuais, dentre eles, o texto literário. Segundo o documento (BRASIL, 2000), ao trabalhar-se com textos literários é preciso reconhecer suas particularidades e as propriedades que o compõem, abandonando a utilização

dos mesmos para ensinar boas maneiras, hábitos de higiene ou regras gramaticais, pois estas práticas podem levar ao desgaste da leitura, não contribuindo para a formação de leitores dotados da capacidade de ler e reconhecer as características destas produções literárias.

Contudo, ao contrário do que propõem os PCN (BRASIL, 2000), em seus estudos sobre leitura, Farias e Bortolanza (2012) constataam que a leitura escolar vem sendo cada vez mais apresentada aos alunos com textos fragmentados, utilizados com o fim de ensinar regras gramaticais.

Ainda segundo a definição de leitura, segundo os PCN de Língua Portuguesa:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua [...]. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação [...]. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc. (BRASIL, 2000, p.41).

Sobre as práticas de leitura, como aponta Monteiro (2010), a formação do bom leitor depende de seus contatos anteriores com a leitura. Ao entrarem no Ensino Fundamental, algumas crianças já apresentam uma vivência com diversificados gêneros textuais, o que facilitará o trabalho pedagógico do professor para a construção das práticas de leitura. Porém, a escola também recebe crianças com poucas experiências de leitura, o que exigirá do professor maior atenção ao trabalho pedagógico para desenvolver nessas crianças o hábito de ler. O posicionamento da autora (MONTEIRO, 2010) vai ao encontro de outros estudos (CARVALHO, 2004; CEALE, 2004) defendendo que “[...] o sucesso na formação de bons leitores dependerá das características do trabalho pedagógico do professor [...]” (MONTEIRO, 2010, p.28).

Cagliari (2009) atribui papel importante para a leitura na vida das pessoas. Para o autor (CAGLIARI, 2009), se um aluno se tornar um bom leitor, a escola cumpriu grande parte de sua tarefa. Ele defende ainda que “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas” (CAGLIARI, 2009, p.130), pois a maioria do conhecimento a ser adquirido fora da escola será mediado pela leitura. Segundo o autor (p. 136), “por leitura se entende toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita”.

De acordo com Cagliari (2009, p.137), “uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada”. Nem sempre a leitura visual, silenciosa e individual é a mais adequada para certos textos ou faixas etárias. Ouvir histórias também é uma forma de ler. Como apontam os autores Abramovich (1993) e Cagliari (2009), o primeiro contato da criança com a leitura ocorre oralmente. Na concepção de Abramovich (1993), a criança que ainda não lê terá contato com os conteúdos do livro por meio da história contada. E mesmo aquelas que já leem podem sentir grande prazer ao ouvir histórias, pois como enfatiza a autora, ouvir histórias não se restringe apenas a quem não sabe ler.

Visto que ouvir histórias apresenta-se como uma forma de leitura, assume-se a prática da arte de contar histórias em sala de aula como uma possibilidade de promover na criança a leitura por fruição. As autoras Jambersi (2014) e Silva (1991) ressaltam que contar histórias é uma arte. Por conseguinte, nesse trabalho adota-se a denominação arte de contar histórias. Sobre a grafia história ou estória, Tahan, inspirando-se em Cascudo, (1957, p.20) esclarece: “HISTÓRIA significa também a narrativa fabulosa”. Dessa forma, nestas linhas será adotada a grafia com h, devido à sua utilização nos referenciais teóricos em que este trabalho se baseia.

Citando a professora Otilia de Oliveira Chaves, Tahan (1957) demonstra que desde os primórdios o ser humano percebeu que contar histórias era um recurso para conquistar a admiração dos demais, o que o levou a cultivar esse talento para as artes e passá-lo para as outras gerações. Assim, dominando a arte de contar histórias, o contador foi ganhando o centro da atenção popular devido ao prazer proporcionado por essa arte. Na transição da sociedade humana, em algumas culturas, aquele que detinha os segredos da arte do dizer foi se transformando no porta voz da tradição de seu povo, tendo o importante papel de transmiti-la oralmente. Nesse movimento foram se delineando as lendas, os mitos e as histórias fantásticas.

Segundo Jambersi (2014), aquele que se propõe a contar uma história necessita de preparo do corpo e do olhar, preservando a essência da narrativa. Abramovich (1993) esclarece que primeiramente o livro deve ser lido pelo narrador, para que esse conheça o ritmo da história e reflita sobre a melhor maneira de contá-la. A autora Fonseca (2012) destaca que quando contamos histórias:

Permitimos que as crianças observem especificidades da linguagem oral, que compreendam a postura do narrador de histórias – a ação dos narradores. Elas observam que, quando o professor narra oralmente, ele gesticula, muda de voz, faz expressões diferentes com o rosto, olha nos olhos, improvisa, muda parte da história [...] Com a narrativa oral aguçamos a curiosidade da criança para que ela pegue o livro (do qual a história foi retirada) para reencontrá-la num momento individual e perceba as diferenças entre a oralidade e a escrita [...]. (FONSECA, 2012, p.148-149).

As pesquisas realizadas por Monteiro (2008; 2010) identificaram professores com dificuldades em ensinar aspectos da leitura, assim como trabalhar o nível de aprendizagem da leitura com o nível de aprendizagem da escrita dos alunos. Como aponta a autora (MONTEIRO, 2010), essas inferências demonstram uma lacuna nos currículos dos cursos de formação de professores que abordem os conteúdos e competências sobre leitura que permitam aliar a teoria à prática para a formação de leitores.

As autoras Farias e Bortolanza (2012) apontam também para a importância de que, nos cursos de formação de professores, seja promovida a formação do professor leitor e que para isso é preciso atentar-se também para a atribuição de sentido às leituras propostas aos alunos universitários.

Segundo Geraldi (2006), na atual sociedade capitalista em que vivemos, o importante de uma atividade é o produto. Logo, a fruição e o prazer são excluídos para a maioria da população. Essa necessidade de produção é levantada pelos professores, que alegam a necessidade de exigirem algum produto para avaliar se a leitura foi realizada. Com essa postura, Geraldi (2006) alega que a escola impede que a criança realize a leitura – fruição de texto, que é o ler gratuitamente, desinteressado de um controle do resultado.

Corroborando com a concepção de que é importante o trabalho com o gênero literário narrativo para a aquisição das práticas de leitura, o Relatório Pedagógico do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - Saesp, elaborado no ano de 2014 (SÃO PAULO, 2014), aponta em suas análises que, embora o índice de desempenho dos alunos tenha evoluído de um ano para outro, ainda não é o esperado para o final desses anos. O que demanda novas análises e pesquisas a fim de elaborar propostas que promovam o avanço da aprendizagem das crianças em leitura e escrita de textos. Para potencializar esse processo, o documento enfatiza a importância do contato com o gênero narrativo literário, enfocando a necessidade de que seu uso seja mais incentivado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Indo ao encontro dessa breve problematização sobre a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a adoção da prática da arte de contar histórias pode aproximar as crianças de diversas narrativas de uma maneira agradável. Porém, esta prática exige preparação das professoras e professores. Como aponta Jambersi (2014), ao contar uma história, o narrador está contando diversas imagens que estão envolvidas por movimentos e ritmos e que despertam diferentes sensações no público. Contudo, para que as histórias narradas deixem de ser uma sequência de letras, é preciso que o narrador consiga externalizar esse ritmo, movimento e

cadência ao contar uma história. Dessa forma, a arte de contar histórias tem uma forte ligação com o exercício da imaginação e a potência criadora do ser humano.

Quando nos propomos a adotar a prática de contar histórias, costumamos primeiramente nos deparar com a dúvida sobre qual história contar. Para Fonseca (2012), a seleção do texto deverá ocorrer de acordo com o público e a ocasião. Silva (1991) ressalta que as histórias nem sempre vem prontas nos livros para serem contadas. A linguagem escrita precisa de uma adaptação verbal, no intuito de facilitar a comunicação e o entendimento da mesma quando se opta por contá-la. As autoras Abramovich (1993), Fonseca (2012) e Silva (1991) destacam a importância de se estudar o texto antes de apresentá-lo.

Para auxiliar na escolha da história, Silva (1991, p.15) apresenta um quadro de interesses levando em consideração a faixa etária da criança:

Quadro 1: Faixa etária e interesses

7 anos	Histórias de crianças, animais e encantamento; Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade; Histórias de fadas.
8 anos	Histórias de fadas com enredo mais elaborado; Histórias humorísticas.
9 anos	Histórias de fadas; Histórias vinculadas à realidade.
10 anos em diante	Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções; Fábulas, mitos e lendas.

Fonte: Silva (1991, p.15).

Em concordância com o quadro 1 apresentado, os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 2000) também sugerem para o trabalho oral no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, o uso de contos de fadas, de assombração, mitos e lendas populares. Contudo, é preciso salientar que o quadro 1 e as sugestões dos PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 2000) não devem ser considerados como única referência. Conhecer as crianças, quais são seus interesses e suas características também é de suma importância. Afinal, a faixa etária e os interesses não são fixos. O referencial da autora é apenas uma indicação de temas recorrentes em cada faixa etária, mas que podem variar.

Após a seleção da história, como aponta Fonseca (2012, p.140-147), deve-se ler o texto mais de uma vez, com o intuito de preparar-se para contar a história, atentando-se para:

Quadro 2: Orientações para contar histórias

A compreensão do sentido do texto	Atentar-se para o sentido que ele tem. Seu enredo, sua trama e qual a intencionalidade.
Estudar sua estrutura	Observar quais são as partes mais interessantes a serem contadas e que não devem ser deixadas de fora para que não se comprometa a beleza da história. Decorar o texto é opcional. É importante memorizá-lo, mas ao contar a história pode-se utilizar o próprio vocabulário, mantendo as palavras consideradas importantes para a trama.

As personagens	Observar suas características físicas, a personalidade, a voz, a postura e suas funções dentro da história. Não é preciso adotar uma voz para cada personagem.
Cenários	Conhecer os lugares em que a narrativa acontece permite que o narrador os visualize ao narrar. Ao conseguir visualizá-los mentalmente é possível descrevê-los com mais verdade.
Entonação, pausa e ritmo	Identificar os momentos que permitem ou que até mesmo exigem mudança na entonação e ritmo ou uma pausa.
Objetos	Se quiser e se sentir-se a vontade, o contador pode utilizar objetos para auxiliar na contação de histórias, assim como fantasias, representando personagens ou cenários. É importante ressaltar que isto é opcional e que o que deve sempre sobressair é a história narrada.
Como iniciar a história	Pode-se iniciar com algum objeto que faça barulho, com um verso, parlenda ou uma música que não precisa necessariamente ser sobre histórias.
Como encerrar a história	Podemos utilizar os mesmos recursos adotados no início ou versinhos como “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser, que conte outra”

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras em agosto de 2015 (FONSECA, 2012, p.140-147).

Neste quadro foram sintetizadas orientações importantes para as professoras e professores que pretendem iniciar a prática da arte de contar histórias. Como se pode observar, o mais importante é conhecer bem a história e não se preocupar em reproduzi-la fidedignamente, palavra por palavra. É importante que, ao contar a história, exista a naturalidade da expressão oral. Assim como, conforme demonstrado, não existe a necessidade de realizar grandes investimentos em decoração ou personagens. O que sempre deve sobressair-se é a história contada oralmente.

Jambersi (2014, p.26) reuniu alguns cuidados apresentados por Sisto (2005, p.122 e 124) que um contador de histórias deve ter:

Quadro 3: Comportamentos não recomendados

Fixar-se em um lado ou em uma pessoa.
Usar vícios de linguagens: aí, né, então.
“Cuspir” o texto. Falar mecanicamente; não sentir o poder e a força das palavras.
Transformar a história em aula com desenvolvimento didático e necessidade de explicação a cada coisa narrada.
Fingir que acredita na história.
Narrar como se estivesse declamando de forma exagerada.
Usar o mesmo ritmo do início ao fim.
Contar só se baseando no improviso.
Contar sentado, imobilizando metade do corpo, ou apoiar-se em “muletas” como canetas na mão ou algo para ficar mexendo.
Cabelo solto, franja no rosto, cordões e roupas chamativas – toda e qualquer coisa que desvie a atenção da história e chame a atenção sobre o contador.
Falar ininterruptamente.
Ignorar que toda e qualquer contação de histórias envolve uma preparação estética.

Fonte: Jambersi (2014, p. 26).

O quadro 3 apresenta alguns comportamentos que devem ser evitados, pois podem comprometer a fruição da história. Ele foi desenvolvido para ajudar as professoras e professores na hora de se prepararem, pois principalmente quando se inicia, ainda não existe a compreensão

dessas dimensões. Por essa razão, julga-se importante a elaboração desse quadro apresentando esses cuidados, com a preocupação de aperfeiçoar a prática.

Jambersi (2014) destaca ainda que os professores possuem o importante papel de resgatar a figura tradicional do contador de histórias e a tradição da oralidade, para que se mantenha viva a essência da palavra e das histórias. Contudo, para isso, é importante entender o que é uma narrativa, qual o seu propósito, função e estrutura. A autora (JAMBERSI, 2014) aponta ainda que, sem esses cuidados, o ato de contar histórias poderá se transformar em algo mecânico e sem sentido.

É de suma importância citar Tahan (1957), ao acentuar a necessidade do conhecimento amplo da literatura infantil. Segundo o autor isso é o elemento basilar e fundamental, pois nas palavras do autor:

Sem o recurso da sólida cultura literária, não poderá a narradora constituir, para seu uso, um repertório rico e interessante de histórias, pois ficará impossibilitada de colhêr na fantasia de outros autores novas figuras, conflitos ou personagens e intercalar, com êxito, tais elementos em suas narrativas. (TAHAN, 1957, p.71).

Segundo os PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 2000), a leitura feita em voz alta pelo professor não é uma prática muito comum na escola e, quanto mais avançam as séries, mais rara ainda fica essa prática. Contudo, isso não deveria acontecer, pois muitas vezes, são esses alunos maiores que precisarão de modelos de leitores. Conforme aponta ainda o documento (BRASIL, 2000), a prática de leitura de histórias como atividade pedagógica é necessária por diversas razões, dentre elas: “ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada, estimular o desejo de outras leituras, possibilitar a vivência de emoções, e exercício da fantasia e da imaginação” (BRASIL, 2000, p.47).

A partir desse fato exposto, é preciso refletir que ao adotar a prática da arte de contar histórias, selecionando livros de qualidade literária, as professoras e os professores também irão atuar como modelo de leitor para essas crianças, assim como aquelas docentes que leem em voz alta. Contribuindo também para o desenvolvimento de habilidades na criança relacionadas à fantasia e à criatividade.

Como define Machado (1992)

[...] a fantasia não é, portanto, o sonho do inconsciente, nem o delírio do louco. É a forma que resulta da maestria do artista articulando palavras: dando vida, cor, cheiro, mistério a coisas inanimadas e animadas; a sonhos, desventuras, obstáculos, provas, paisagens e valores humanos. (MACHADO, 1992, p.109).

Machado (1992) ainda ressalta que é preciso perceber a realidade do conto, do mundo encantado, que longe de ser ilusão, esse maravilhoso nos coloca em contato com valores humanos, trazendo em sua natureza a experiência humana relatada em cada momento histórico

de diferentes culturas. As formas narrativas, o mito, a lenda, a saga e o conto maravilhoso falam do trabalho criador da imaginação humana.

Aparentemente, ao se propor a adoção da arte de contar histórias na sala de aula, pode-se pensar que essa seja uma atividade que necessite de algum talento artístico, ou muita criatividade e imaginação. Machado (1992) aponta que o trabalho docente já está permeado pelo exercício da imaginação, ao construir sua prática articulando informações, conceitos, metodologias e experiências. É preciso propiciar ao professor os instrumentos para conhecer os mecanismos de um processo criador. Segundo Machado (1992), essa oportunidade de articular teoria e prática dentro de uma atividade criadora, em que a reflexão e a imaginação complementam o processo de aprendizagem, permite a significação da prática pedagógica.

As práticas de leitura e a arte de contar histórias nas teses e dissertações.

Para fundamentar o presente trabalho, além do referencial teórico apresentado anteriormente, foi realizada em concomitância uma pesquisa para levantar dados que subsidiem as reflexões e permitam uma análise mais coerente com a realidade sobre as temáticas apresentadas neste estudo: literatura infantil, arte de contar histórias, práticas de leitura e suas relações com as especificidades da formação de professores. Para isso, recorreu-se ao levantamento de teses e dissertações que versam sobre práticas de leitura e a arte de contar histórias em banco de dados *on-line*.

Segundo Lüdke e André (2014), para se realizar uma pesquisa:

[...] é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. Trata-se, assim, de uma ocasião privilegiada, reunindo o pensamento e a ação de uma pessoa, ou de um grupo, no esforço de elaborar conhecimentos sobre aspectos da realidade que deverão servir para a composição de soluções propostas aos seus problemas. [...] Tanto pode ser confirmado ou negado pela pesquisa o que se construiu a respeito desse assunto, mas o que não pode ser é ignorado. (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p.1-2).

O percurso desta pesquisa inicia-se com a pergunta norteadora: quais as contribuições da arte de contar histórias para as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental? E para responder a esse problema de pesquisa, o trabalho tem como objetivo geral: identificar nas produções acadêmicas as possíveis relações entre a arte de contar histórias e as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os objetivos específicos são os seguintes:

a) apresentar as características da prática da arte de histórias, explicitando procedimentos metodológicos para a adoção desta atividade no planejamento pedagógico do professor dos anos iniciais;

b) investigar a utilização da arte de contar histórias como um recurso para aproximar a criança da literatura infantil universal nos anos iniciais do Ensino Fundamental;

c) refletir sobre sua utilização em sala de aula para contribuir na formação de futuros leitores e futuras leitoras.

Com o intuito de solucionar o problema de pesquisa proposto, foi realizado um levantamento de dados que ocorreu por meio da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Como apontam Lüdke e André (2014) e Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, que foram obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo que o produto. Em oposição às pesquisas de cunho positivista, anteriormente empregadas na área da Educação, que priorizavam um distanciamento entre pesquisador e objeto de estudo e pregava por uma neutralidade científica.

O levantamento bibliográfico de teses e dissertações ocorreu nos bancos de dados *on-line* das instituições de ensino superior que possuem os cursos de graduação em Pedagogia e Letras, visto que esses campos de atuação realizam pesquisas sobre a arte de contar histórias. Dentre as instituições, essas foram públicas e situadas no Estado de São Paulo: Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Universidade de São Paulo – USP e Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. A escolha levou em consideração o prestígio, fidedignidade e comprometimento no que concerne à pesquisa acadêmica desses três estabelecimentos de ensino e pesquisa.

Esse recorte foi mantido também, pois o número de teses e dissertações encontradas nos bancos de dados *on-line* dessas três instituições demonstrou-se suficiente para o início de uma problematização, contemplando os objetivos ao se produzir um trabalho de conclusão de curso. Assume-se que, para reflexões mais aprofundadas, é imprescindível o aumento no recorte de instituições que sejam oriundas de outras regiões do país. Não obstante, para esse trabalho demonstrou-se importante a limitação territorial, para que se conheçam as concepções que permeiam as produções acadêmicas dessas três instituições, reconhecidas no Estado de São Paulo e no país, assim como conhecer a realidade local sobre as temáticas em debate.

Dessa maneira, foram selecionadas três dissertações e uma tese que obedeciam aos três critérios de seleção adotados para a realização dessa pesquisa: (a) mencionar as temáticas práticas de leitura e / ou arte de contar histórias; (b) ter como sujeitos de estudo os professores

ou os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental; (c) pesquisar essas temáticas dentro do espaço escolar, na sala de aula.

As produções acadêmicas selecionadas versam sobre as temáticas: literatura infantil, arte de contar histórias, práticas de leitura e as especificidades da formação de professores para a arte de contar histórias. As palavras-chave utilizadas para realizar a busca foram: história infantil; literatura infantil; contação de histórias; arte de contar histórias; práticas de leitura e leitura.

A seleção das teses e dissertações também obedeceu aos critérios do recorte cronológico, que nesta pesquisa contempla um período de dez anos, de 2004 a 2014 e da disponibilidade *on-line*. Optou-se por essa medida devido ao tempo existente para a elaboração do trabalho assim como a garantia de que todos os trabalhos acadêmicos que dissertem sobre as temáticas apresentadas já haviam sido digitalizados.

O quadro 4 apresenta os resultados das buscas pelas palavras-chave citadas: história infantil; literatura infantil; contação de histórias; arte de contar histórias; práticas de leitura e leitura, encontradas dentro do recorte cronológico de 2004 a 2014. Os bancos de dados são os do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da UFSCar, Faculdade de Educação da Unicamp (FE) e Faculdade de Educação da USP (FE). Durante a busca os trabalhos que se repetiam em mais de uma palavra-chave, foram contabilizados em apenas uma delas.

Quadro 4: Palavras-chave

Instituição	Palavra-chave	Total	Relacionados à pesquisa
UFSCar - PPGE	história infantil	0	0
UFSCar - PPGE	literatura infantil	1	0
UFSCar - PPGE	contação de histórias	0	0
UFSCar - PPGE	arte de contar histórias	0	0
UFSCar - PPGE	práticas de leitura	1	0
UFSCar - PPGE	Leitura	10	0
UNICAMP - FE	história infantil	1	0
UNICAMP - FE	literatura infantil	7	0
UNICAMP - FE	contação de histórias	2	0
UNICAMP - FE	arte de contar histórias	2	1
UNICAMP - FE	práticas de leitura	8	0
UNICAMP - FE	Leitura	76	1
USP - FEUSP	história infantil	0	0
USP - FEUSP	literatura infantil	9	0
USP - FEUSP	contação de histórias	0	0
USP - FEUSP	arte de contar histórias	0	0
USP - FEUSP	práticas de leitura	14	0
USP - FEUSP	Leitura	196	2

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, em outubro de 2015 e revisado em abril de 2016.

A busca por teses e dissertações que relacionam a arte de contar histórias com as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental apontou para a necessidade de mais trabalhos acadêmicos nessa área. Percebe-se nas três instituições que a temática leitura tem sido objeto de investigação ao longo desses 10 anos.

Como citado anteriormente, a busca apresentou quatro trabalhos acadêmicos (três dissertações e uma tese) que satisfazem os critérios estabelecidos para a seleção. O quadro 5 apresenta esses trabalhos selecionados que irão orientar as reflexões sobre as temáticas aqui investigadas, informando a instituição, a titulação, o ano, a autoria e o título:

Quadro 5: Teses e Dissertações selecionadas para a análise de dados

Instituição	Titulação	Ano	Autoria	Título
³ 1.USP	Dissertação	2012	Priscila Maria Sbizzera Bolognesi	Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos aos processos de reflexão.
2.USP	Dissertação	2011	Louise Arosa Prol Otero	O que (não) está escrito? Oralidade poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento.
3.UNICAMP	Tese	2014	Fernanda Maria Macahiba Massagardi	Percurso da literatura na educação: ensinar contando histórias.
4.UNICAMP	Dissertação	2011	Lívia Rodrigues Pinheiro Leiria	Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias.

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, em outubro de 2015.

Pode-se observar que apesar do recorte cronológico de 2004 a 2014, os trabalhos acadêmicos que investigam as potencialidades da leitura por meio da oralidade datam a partir do ano de 2011.

As contribuições dos trabalhos acadêmicos para a reflexão sobre as práticas de leitura e a arte de contar histórias.

Após a seleção das fontes, é preciso extrair os dados que permitirão debruçar-se sobre os mesmos e esmerar-se em busca de reflexões que subsidiem a conclusão do presente trabalho. Para isso, primeiramente, é preciso definir o que são esses dados e qual a sua contribuição para a realização de uma pesquisa científica:

O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo em que se encontram a estudar, são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registram activamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que os outros criaram e o investigador encontra. Tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais. [...] Os dados ligam-nos ao mundo empírico e, quando sistemática e rigorosamente recolhidos, ligam a investigação qualitativa a outras formas de ciência. Os dados incluem os elementos necessários para pensar de forma adequada e profunda acerca dos aspectos da vida que pretendemos explorar. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.149).

³ Os próximos quadros seguirão a sequência do quadro 5.

Devido ao caráter da presente pesquisa, foi feito um levantamento de dados a partir do resumo das quatro produções acadêmicas supracitadas. O quadro 6 apresentará as dissertações e teses por título e seu respectivo objetivo geral:

Quadro 6. Objetivo geral apresentado nas produções acadêmicas

Título	Objetivo geral
1. 1.Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos ao processo de reflexão	Investigar o potencial pedagógico de uma atividade de leitura literária: a roda de leitura.
2. 2.O que (não) está escrito? Oralidade poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento	Discutir os processos de alfabetização e letramento, sustentando a hipótese de que as tradições populares da oralidade participam ativamente da aquisição da leitura e escrita alfabéticas.
3. 3.Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias	Apontar ao docente alguns caminhos que indiquem de que forma a literatura perpassa e auxilia a educação e quais os percursos foram percorridos por ela até o nosso século.
4. 4.Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias	Compreender qual a contribuição da arte de contar histórias no processo de formação continuada de professoras do Ensino Fundamental da rede estadual do estado de São Paulo.

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, em outubro de 2015.

No que se refere à metodologia, ou seja, ao caminho percorrido para a obtenção dos dados, as quatro pesquisas caracterizam-se como qualitativas. Conforme apontam Bogdan e Biklen (1994), essa investigação possui a característica descritiva e os dados recolhidos são em forma de palavras e não números. Esses dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais.

Essa opção pela abordagem qualitativa ao se realizar pesquisas na área da Educação corrobora com a teoria que demonstra essa tendência. Conforme destacam Lüdke e André (2014):

[...] à medida que avançam os estudos da educação, mais evidente se torna seu caráter de fluidez dinâmica, de mudança natural a todo ser vivo. E mais claramente se nota a necessidade de desenvolvimento de métodos de pesquisa que atentem para seu caráter dinâmico. Cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez, inserido em uma realidade histórica, que sofre toda uma série de determinações. (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p.6).

Assim, em conformidade com o referencial teórico apresentado sobre pesquisa qualitativa em Educação, que demonstra a pertinência da mesma devido à oportunidade de analisar o processo, e não apenas os resultados, respeitando a dinamicidade dessa área, as pesquisas aqui analisadas vão ao encontro dessa perspectiva.

O quadro 7 apresenta a metodologia adotada em cada trabalho acadêmico, permitindo a observação de possíveis tendências em pesquisa na área da Educação:

Quadro 7. Metodologia

Título	Metodologia
1. 1.Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos ao processo de reflexão	Revisão bibliográfica, registro em diários de campo e aplicação de questionários.
2. 2.O que (não) está escrito? Oralidade poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento	Revisão bibliográfica e observações de diagnósticos de memória oral e comentada em análises de cenas de leitura e leitura de manuscritos de alunos.
3. 3.Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias	Revisão bibliográfica
4. 4.Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias	Revisão bibliográfica, registro em diários de campo e entrevista.

Fonte: elaborado pelas pesquisadoras, em outubro de 2015.

Pode-se observar que embora todas as pesquisas se fundamentem na revisão bibliográfica para refletir sobre seu objeto de estudo à luz das teorias, a maioria das pesquisas vai buscar também subsídios na prática para fundamentarem suas reflexões.

Em relação às amostras, as pesquisas de campo que investigaram o ensino tinham como amostra os alunos (pesquisas 1, 2 e 3), enquanto a que aborda a formação (pesquisa 4), teve como amostra as professoras. Como podemos observar, a maioria das pesquisas abordam o ensino. Segundo as autoras Lüdke e André (2014), existe uma dominante preocupação com os problemas do ensino na base das tendências atuais da pesquisa em Educação. Logo, os dados apresentados neste tópico vão ao encontro do que a teoria sobre pesquisa em Educação tem apontado.

Sobre as teorias selecionadas para a elaboração dos trabalhos, o quadro 8 apresenta os principais referenciais teóricos que embasaram as pesquisas:

Quadro 8: Principais referenciais teóricos apresentados nos estudos

Título	Principais referenciais teóricos
1.Rodas de leitura na escola: do envolvimento dos alunos ao processo de reflexão	Socioconstrutivismo (Jean Piaget, Emilia Ferreiro, Lev S. Vygotsky e Mikhail Bakhtin). Didática no ensino da língua ou da leitura literária na escola (João Wanderley Geraldi, Délia Lerner, Regina Zilberman e Teresa Colomer).
2.O que (não) está escrito? Oralidade poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento	Oralidade, escrita e memória (Claudemir Belintane, Mikhail Bakhtin e Paul Zumthor). Psicanálise (Sigmund Freud e Jacques Lacan).
3.Percursos da literatura na educação: ensinar contando histórias	Teoria psicogenética (Jean Piaget) Leitura e literatura infantil (Nelly Novaes Coelho, Lúcia Pimentel Góes). Prática de leitura libertadora (Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva, Lilian Lopes Martin da Silva, Marcel Proust, Roland Barthes e João Wanderley Geraldi). Literatura (Monteiro Lobato, Clive Staples Lewis e Lewis Carroll). Arte e estética (João Francisco Duarte Júnior). Ouvir e ler histórias (Ilan Brenman).
4.Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias	Estudiosos da tradição oral (Câmara Cascudo e Ricardo Azevedo). Arte de contar histórias (Regina Machado). Arte-educação (Ana Mae Barbosa, Francisco Duarte Júnior). Formação de professores (Lívia R. Pinheiro).

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras, em outubro de 2015.

Observa-se que os trabalhos que investigam o desenvolvimento da criança e os processos de apropriação das práticas de leitura e de escrita buscam o embasamento teórico nos estudos de Jean Piaget, promovendo o diálogo com outros referenciais teóricos. Também foi encontrada a influência da psicanálise em um dos trabalhos para contribuir nessa reflexão. Ainda é possível verificar que ao se ter a leitura como foco de pesquisa, busca-se também subsídio nos referenciais teóricos sobre literatura, o que vai ao encontro desse estudo.

No caso do trabalho que aborda a arte de contar histórias e a formação de professores, é apresentado o referencial teórico na área das tradições orais, assim como sobre a arte de contar histórias e a arte-educação. Sobre a formação de professores, o referencial teórico apresentado está voltado para a arte de contar histórias.

As pesquisas focadas no ensino, no que concerne à apropriação das práticas de leitura, apontam que é preciso que a prática pedagógica esteja voltada à organização de atividades que favoreçam a formação de hábitos de leitura e que desperte o gosto pela literatura.

As produções apontam também para a importância de que na escola se adote a fruição da leitura, o que vai ao encontro da concepção de leitura defendida no presente trabalho. Como aponta Massagardi (2014):

[...] analisando a prática educacional é possível perceber que é impossível promover o gosto pela leitura da literatura se as aulas fazem uso da poesia para dissecação gramatical. Sem o contato primeiro da leitura fruição, é impossível promover o gosto pela leitura. (MASSAGARDI, 2014, p.543-544).

Ao se falar sobre a experiência literária, os trabalhos apontam ainda para a importância da oralidade nas salas de aula. Massagardi (2014) cita a especificidade da oralidade em que por meio do encantamento da modulação da voz, é possível promover uma maior interação do grupo ouvinte com o texto.

Recuperando o objetivo geral deste trabalho, o de identificar nas produções acadêmicas as possíveis relações entre a arte de contar histórias e as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, após o levantamento de dados e a caracterização dessas produções acadêmicas, foi encontrada uma dissertação, de autoria de Louise Arosa Prol Otero, que assinala para essa relação, citando ambas as temáticas.

Segundo Otero (2011):

A contação de histórias também é uma prática oral poética que fornece, desde a primeira infância, uma leitura e uma escrita de mundo. [...] enfatizamos que, no processo de alfabetização e de ensino da leitura e da escrita, o poder da palavra oral pode cumprir essa demanda de engajamento subjetivo da criança, para que ela possa posteriormente transferir essa experiência para as imagens e letras. (OTERO, 2011, p.23).

Otero (2011) destaca o poder do encantamento que existe na *performance* ao se contar uma história, em que se coloca a palavra como forma de agir no mundo. Ela ainda recupera a

história da escrita lembrando a importância da tradição da oralidade envolvida também nessa tecnologia. E afirma que é possível retomar essa tradição histórica oral durante a alfabetização. A autora explicita que a oralidade precisa ser apresentada de maneira expressiva, e dentre as possibilidades para que isso aconteça, está a arte de contar histórias: “[...] Enfatizamos também a contação de histórias como evento da oralidade, que ultrapassa a materialidade gráfica da escrita e atualiza memórias de uma tradição, convoca o ouvinte a uma leitura, implicando-o de modo singular no texto.” (OTERO, 2011, p.32).

O objeto da pesquisa de Otero (2011) é diferente do apresentado nas linhas deste trabalho, pois a autora busca investigar o que ela denomina de oralidade poética, em que investiga os gêneros da tradição oral, guiada pela hipótese de que essa oralidade é fundamental para o processo de alfabetização e letramento, ao constituírem uma escrita em um sentido que vai além do representado graficamente, envolvendo a estruturação da linguagem. Seu trabalho oferece contribuições para este estudo, pois demonstra que atividades que privilegiem a oralidade, como a arte de contar histórias tem importância significativa no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Além da contribuição para as práticas de leitura, Leiria (2011) demonstra em sua dissertação sobre a formação de professores para a arte de contar histórias, que essa atividade também fortalece o vínculo entre professor e aluno, promovendo uma aproximação mais afetiva entre o grupo. Assim como desperta na criança o interesse pelas histórias, e até mesmo em criar as suas próprias histórias.

Considerações finais

Para concluir esse trabalho, voltemos à questão norteadora, que orientou o percurso da investigação aqui apresentada: quais as contribuições da arte de contar histórias para as práticas de leitura de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Após o estudo do referencial teórico e da análise dos dados obtidos, é possível observar que adotar a prática da arte de contar histórias dentro da sala de aula envolve uma mudança de postura docente, pois como aponta Leiria (2011), ao contarmos histórias na escola, passamos a ser objeto de apreciação das crianças. Nosso corpo se torna público e passa a ser exposto. Essa prática também reverbera na identidade profissional do professor, pois é na organização do trabalho docente que o professor se constitui. A fala de uma das professoras envolvidas na pesquisa de Leiria (2011) pode contribuir para essa reflexão: “Onde é que nós, com todas nossas

contradições vamos aparecer? Nos nossos alunos, por mais que isso seja doloroso. Eles nos contam as professoras que estamos sendo.” (LEIRIA, 2011, p.72).

Para a adoção da prática da arte de contar histórias na sala de aula, é preciso, como já demonstrado, uma preparação levando em conta diversos aspectos, como a qualidade literária do texto, de que maneira contar a história e como será a utilização do corpo, da voz e das expressões a favor da mesma. Como lidar com todos esses aspectos sem uma formação? O próprio estudo de Leiria (2011) demonstrou a importância de cursos e oficinas que propiciem a formação de professoras e professores para a arte de contar histórias, pois esses momentos oferecem a oportunidade de compartilhar dúvidas e experiências com colegas de profissão, estimulando a reflexão sobre os êxitos, assim como criar repertórios para superar os desafios, sejam de ordem subjetiva, como a timidez, ou de ordem estrutural, como a falta de materiais, ou salas de aula lotadas.

Sobre os dados encontrados nas produções acadêmicas analisadas, foi possível identificar um movimento a favor da literatura dentro da sala de aula voltada para a fruição da leitura e a ênfase para que a oralidade não seja deixada de lado. Contudo, ao proporem práticas para utilizar o recurso da oralidade, os trabalhos mencionam a leitura em voz alta feita pelo professor, o que não deixa de ser uma atividade importante para a criança no processo de alfabetização e letramento. Mas é preciso destacar que não é apenas a leitura em voz alta que contempla a oralidade. A arte de contar histórias tem na palavra proferida oralmente seu instrumento principal para encantar.

Este trabalho procurou demonstrar para as professoras e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, preocupadas em ajudar a criança a se apropriar das práticas de leitura, que a arte de contar histórias é uma atividade que pode ser incorporada em seu planejamento como um momento de fruição para as crianças, em que se promove o encontro da arte de contar histórias com a arte da palavra, a literatura. E que mesmo sem a adoção do controle do resultado, essa prática estará contribuindo para o objetivo de levar a criança a ler por prazer.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ARTUSSA, Lucimara. **A arte de contar histórias e as práticas de leitura: uma investigação sobre as possíveis relações**. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015. Orientadora: Profa. Dra. Maria Iolanda Monteiro.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLOGNESI, Priscila Maria Sbizzera. **Pode de leitura na escola**: do envolvimento dos alunos aos processos de reflexão. São Paulo: s.n., 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: DP&A, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CEALE. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações para a organização do Ciclo Inicial de Alfabetização**. Caderno 2. Belo Horizonte, 2004.

FARIAS, Sandra. Alves; BORTOLANZA, Ana. Maria. Esteves. O papel da leitura na formação do professor: concepções, práticas e perspectivas. **Poiesis Pedagógica**, v. 10, p. 32-46, 2012.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler**. São Paulo: Blucher, 2012.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

JAMBERSI, Belissa do Pinho. A arte de contar histórias na sala de aula: do didatismo ao encantamento. In: **O trabalho Pedagógico com crianças de até três anos**. Campinas – SP: Alínea, 2014.

LEIRIA, Livia Rodrigues Pinheiro. **Palavra, corpo e presença**: a arte do professor contador de histórias. Campinas, SP: [s.n.], 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2014.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda B. (Orgs). **Literatura Infantil**: políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MACHADO, Regina Stella Barcelos. **O conto de tradição oral e a aprendizagem do professor**. Revista Idéias, São Paulo, p. 109-115, 1992.

MASSAGARDI, Fernanda Maria Macahiba. **Percursos da literatura da educação**: ensinar contando histórias. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

MONTEIRO, Maria Iolanda. **Alfabetização e letramento na fase inicial da escolarização**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

_____. **Contribuições para pensar as práticas de leitura e escrita de professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. Campinas: Faculdade de Educação / Unicamp. Projeto de Pesquisa (Pós-doutorado), 2008.

OTERO, Louise Arosa Prol. **O que (não) está escrito?** Oralidade poética e leitura nos processos de alfabetização e letramento. São Paulo, 2011.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Relatório Pedagógico 2014 Saresp: 2º e 3º anos do Ensino Fundamental**. São Paulo, 2014. Disponível em: http://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2014/Arquivos/RELATORIO_PEDAGOGICO_2_3_ANO_EF.pdf. Acesso em 20 de setembro de 2015.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de Contar Histórias**. Curitiba: Positivo, 2005.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.